Memorandum

Artigo

Feminilidade em debate: a *British Psychoanalytical Society* e a trajetória da psicanálise inglesa no século XX

Femininity in Debate: The British Psychoanalytical Society and the Trajectory of English Psychoanalysis in the Twentieth Century

Ester Franco de Souza
https://orcid.org/0009-0001-8104-902X
Richard Theisen Simanke
https://orcid.org/0000-0002-6405-8776
Universidade Federal de Juiz de Fora
Brasil

Resumo
Ao longo do século XX, a feminilidade consolidou-se como um eixo central de debate no desenvolvimento da psicanálise inglesa, especialmente entre tensões e interlocuções com a tradição vienense. Este artigo analisa, a partir de uma perspectiva histórico-conceitual, a história da psicanálise na Inglaterra, bem como o modo pelo qual transformações sociais nesse contexto, como os movimentos feministas e a ampliação da inserção feminina na esfera pública, influenciaram a presença de mulheres na British Psychoanalytical Society. Tais mudanças contribuíram para a reformulação das teorias sobre a mulher e a sexualidade feminina, até então predominantemente centradas na experiência masculina. O estudo baseia-se em revisão bibliográfica e análise documental. Destacam-se as controvérsias sobre análise infantil e sexualidade feminina entre as sociedades inglesa e vienense como fatores que impulsionaram rearranjos institucionais e inovações teóricas. Conclui-se que esse processo ampliou a compreensão da feminilidade e configurou a psicanálise inglesa como um espaço de transformações sociais.
Palavras-chave: feminilidade; sexualidade feminina; psicanálise inglesa; história da psicanálise.

Abstract
Throughout the twentieth century, femininity became a central focus of debate in the development of English psychoanalysis, particularly in its tensions and dialogues with the Viennese tradition. This article analyzes, from a historical-theoretical perspective, the history of psychoanalysis in England, as well as how broader social transformations in this context, such as feminist movements and the expansion of women's participation in the public sphere, influenced the presence of women within the British Psychoanalytical Society. These changes contributed to the reformulation of theories on women and female sexuality, which had previously been predominantly centered on male experience. The study is based on a bibliographic review and documentary analysis. Controversies surrounding child analysis and female sexuality between the English and Viennese societies are highlighted as factors that fostered institutional rearrangements and theoretical innovations. It is concluded that this process expanded the understanding of femininity and shaped English psychoanalysis as a space of social transformation.
Keywords: femininity; female sexuality; british psychoanalysis; history of psychoanalysis.

CC BY NC

De acordo com Kehl (2016), na era vitoriana, o casamento determinava o destino da mulher, assim como todas as suas possibilidades de realização pessoal, que se limitavam ao seu papel como mãe, esposa e dona de casa.

> A cultura europeia dos séculos XVII e XIX produziu uma quantidade inédita de discursos cujo sentido geral foi o de promover uma perfeita adequação entre as mulheres a um conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. (...) A fim de melhor corresponder ao que se espera delas, que é ao mesmo tempo sua única vocação natural, pede-se que ostentem as virtudes próprias da feminilidade: o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos (Kehl, 2016, p. 47-48).

No contexto da Inglaterra do final do século XIX e início do século XX, as mulheres começavam a desprezar a submissão ao homem, as restrições da maternidade e se dedicavam cada vez mais ao intelecto e à possibilidade de ocupar novos espaços na sociedade. No entanto, ainda assim, o papel da mulher estreitamente atrelado à casa e à maternidade era consagrado pela sociedade e pelo discurso médico, por mais que isso nem sempre condissesse com a realidade. Era raro (entre as mulheres burguesas) a dedicação estrita às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos, considerando que ajudantes e amas de leite eram comuns. Havia, portanto, uma espécie de contradição entre o discurso proferido por homens da época, que concebiam um papel social atrelado à condição biológica da mulher e à maternidade, e a realidade destas mulheres que começava a se distanciar cada vez mais destes ideais. Ainda assim, esse discurso impedia maiores conquistas emancipatórias (Kehl, 2016).

Apesar do medo, principalmente entre os homens, de que a erudição deteriorasse a feminilidade das mulheres, não era incomum o interesse feminino pelos mais variados campos de saber. As mulheres da era vitoriana nutriam especial interesse por literatura e escrita. Romances escritos por mulheres e direcionados a mulheres eram comuns e a escrita se tornou uma forma de mulheres se sustentarem financeiramente e conquistarem algum espaço nesta sociedade, como fora o caso das inglesas Jane Austen, Louise-May Alcott, as irmãs Brontë, dentre outras. No entanto, elas encontravam impasses sociais significativos e muitas adotavam pseudônimos para se protegerem de ataques ou para terem seus livros reconhecidos na sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX (Kehl, 2016).

Ideias progressistas começam a ganhar destaque e influenciam, durante o século XIX, as lutas favoráveis à emancipação feminina. Em 1791, Olympe de Gouges publica na França a Declaração dos direitos da mulher e da cidadã, e, em 1972, Mary Wollstonecraft publica, na Inglaterra, Reivindicação dos direitos da mulher, afirmando não existir sexo nas almas. A obra de Wollstonecraft seria traduzida para o alemão, um século depois, por Bertha Pappenheim, a histérica Anna O., paciente célebre da psicanálise (Iannini & Tavares, 2018).

A "primeira onda" do feminismo na Inglaterra tem seu início nos anos 1850/60,

garantindo conquistas graduais. A partir de 1866, surgem os primeiros colégios destinados à educação de mulheres. Já após 1880, as mulheres casadas passam a ter o direito de possuir bens próprios. Apenas em 1918, contudo, conquistam o direito ao voto (ainda que com restrições), além de acesso a algumas profissões anteriormente vedadas (Mannoni, 1999).

O movimento Sufragista que se inicia na Inglaterra teve Emmeline Pankhurst como uma de suas principais líderes na luta pelo direito ao voto das mulheres, criando o Women's Social and Political Union (WPSU) em 1903. Esta primeira onda do feminismo questionou a divisão de papeis entre os sexos e suas diferenças, evidenciadas pelas desvantagens econômicas, sociais e jurídicas das mulheres. As feministas começam a atuar de forma cada vez mais direta através de greves, campanhas e manifestações violentas e não violentas. Emily Davidson, militante do movimento, atira-se em 1913 na frente do cavalo do rei Jorge V, com o objetivo de chamar a atenção da realeza britânica e da sociedade como um todo para a causa feminista, tornando-se mártir do feminismo inglês (Casagrande, 2018).

Com a emergência da Primeira Guerra, a mobilização em torno do sufrágio feminino diminui e o foco se volta para a causa da Guerra. No entanto, durante este período, as mulheres passam a adentrar cada vez mais no mercado de trabalho. Dessa forma, as reivindicações começam a corresponder com as mudanças sociais que ocorriam naquele período, em que as mulheres deixavam a exclusividade do trabalho doméstico, questionando o papel ocupado por elas até então. Gradualmente, essas transformações contribuíram para o enfraquecimento da rígida divisão entre o espaço público, historicamente associado aos homens, e o espaço privado, destinado às mulheres. Em 1918, reconhece-se o sufrágio universal masculino e a possibilidade de voto para as mulheres é introduzida de forma limitada, apenas para aquelas com mais de 30 anos e com posses. Em 1919 decretou-se, na Inglaterra, a abertura para as mulheres atuarem em todas as profissões, em condições de igualdade formal com os homens (Casagrande, 2018; Haundeschild, 2017).

O movimento feminista encontrava uma oposição firmemente enraizada na Igreja, no estado e na sociedade. Após a declaração acerca dos direitos das mulheres na Assembleia de Seneca Falls em 1848, homens contrários às mudanças sociais consideravam as feministas mulheres masculinizadas, pervertidas e determinadas a subverterem a família e a relação natural entre os sexos, caracterizando-as desta maneira em revistas, sermões, dentre outras formas de divulgação. Na Inglaterra, criou-se em 1911 a Liga Nacional Contra o Sufrágio Feminino, formada principalmente por homens que defendiam a ideias de que as mulheres já se encontravam bem representadas no cenário políticos pelos próprios homens (Gay, 1988).

Apesar das resistências, as aspirações feministas avançaram por meio de conquistas graduais, expressas em iniciativas como petições pelo acesso das mulheres à escola de medicina e pelo direito ao controle de suas próprias finanças. Ao

longo dos anos, essas demandas resultaram em mudanças pontuais, porém significativas, que culminaram na instituição do sufrágio universal feminino na Inglaterra, em 1928. Com a aprovação da Lei de Representação do Povo, todas as mulheres com mais de 21 anos passaram a ter o direito ao voto (Gay, 1988).

O contexto cultural e científico dos séculos XIX e XX exerceu influência significativa sobre as teorias psicanalíticas e sobre a própria consolidação da psicanálise na Inglaterra. As transformações sociais impulsionadas pelas lutas feministas ampliaram o acesso das mulheres à educação formal e à produção intelectual, possibilitando sua inserção ativa nos debates culturais, científicos e políticos da época.

No campo da psicanálise, esse cenário favoreceu o surgimento de formulações pós-freudianas elaboradas por autoras que passaram a questionar e a ampliar as concepções clássicas acerca da feminilidade e da sexualidade feminina. Tais contribuições promoveram um deslocamento importante: a mulher deixou de ser concebida apenas como figura passiva, conforme o discurso masculino, médico e científico predominante (centrado nos papéis de esposa, mãe e dona de casa), para ser reconhecida como sujeito de desejo e objeto legítimo de investigação teórica, portadora de qualidades ainda não plenamente contempladas pela teoria psicanalítica clássica.

Na Inglaterra, analistas mulheres como Anna Freud, Melanie Klein, Sylvia Payne, Alix Strachey, Joan Riviere, dentre muitas outras, representavam as aspirações feministas que aconteciam para além dos muros das instituições de psicanálise. Elas colheram os frutos de gerações anteriores que lutaram a favor da emancipação feminina e da própria atitude de Freud que favorecia a atuação institucional das mulheres, apesar de suas desconfianças para com o movimento feminista. De acordo com Gay (1988), "O tom condescendente, ainda que afetuoso, em suas expressões sugere que o movimento feminista nunca encontraria um adepto em Freud, apesar de tudo o que estava fazendo por elas em sua profissão." (p. 465).

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar a constituição da psicanálise na Inglaterra ao longo do século XX, com ênfase nos principais marcos institucionais e debates teóricos acerca da feminilidade e da análise infantil, considerando especialmente as contribuições de Sigmund Freud, Anna Freud, Melanie Klein e Ernest Jones. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa de caráter histórico-conceitual, fundamentada em revisão bibliográfica articulando a literatura especializada com textos dos autores citados. Busca-se, assim, compreender de que forma as transformações sociais do período, especialmente aquelas relacionadas à ampliação da participação feminina na esfera pública, se entrelaçam às reformulações teóricas no campo psicanalítico, contribuindo para a construção de novas concepções de feminilidade.

A psicanálise e o feminino

A psicanálise surge com Sigmund Freud em Viena, Áustria, a partir de seu trabalho com mulheres histéricas em 1886. A histeria se torna uma espécie de epidemia durante o século XIX, inicialmente considerada uma "doença de mulheres", doença desacreditada e repudiada por muitos médicos da época. No entanto, Sigmund Freud e Josef Breuer começam a tratar estas mulheres de forma distinta, escutando-as. A técnica aperfeiçoada por Freud leva-o à criação de importantes conceitos psicanalíticos, como os conceitos de resistência, reação terapêutica negativa, transferência e contratransferência, associação livre, dentre outros, construindo os alicerces da psicanálise (Mitchell, 1974).

A partir de sua análise da etiologia sexual da histeria, Freud passa a conceber a diferença sexual entre homens e mulheres. Com Freud, a histeria cessa de ser um adoecimento exclusivamente feminino, podendo acometer homens também, apesar de estar associada a uma maior passividade sexual, tanto em homens como em mulheres. Logo, entre os anos de 1880 e 1890, a partir destas descobertas, Freud constrói a sua teoria através do dilema da diferença sexual, a presença ou a ausência do pênis e suas consequências para os indivíduos (Mitchell, 1974).

Apesar da afirmação de Freud de que homens também poderiam sofrer com a histeria, observa-se em sua própria teoria das psiconeuroses que a neurose obsessiva geralmente se associou ao homem, tendo como principal texto de sua manifestação observações sobre um caso de neurose obsessiva (*O homem dos ratos*) (1909), enquanto as manifestações histéricas foram detalhadas em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895) associadas aos casos clássicos das mulheres Anna O., Emmy von N., Miss Lucy R., Katharina e Srta. Elisabeth von R., e o caso Dora em Análise fragmentária de uma histeria (*O caso Dora*) (1905) (Rocha & Rocha, 2017). Segundo Iannini & Tavares (2018), "A histeria, com sua sintomatologia que se localiza na fina fronteira que separa o subjetivo e o social, nessa encruzilhada entre um vetor clínico e um vetor político, manifesta uma outra maneira de construir e de habitar o feminino" (p. 16-17).

De acordo com Chasseguet-Smirgel (1970), havia uma contradição na psicanálise do século XIX quando se trata do tema da feminilidade. Este tema ocupa um lugar central de importância na prática clínica, considerando que a psicanálise tem em seu início o tratamento de mulheres histéricas. No entanto, verifica-se, uma modesta participação das mulheres na psicanálise, além de uma expressiva lacuna nas produções teóricas acerca dos temas da sexualidade feminina e da feminilidade.

Com o passar dos anos, este cenário começa a se alterar, principalmente no contexto da Inglaterra durante o período entre guerras. Thompson (1987) destaca a prevalência, o destaque e o sucesso das mulheres com ou sem formação acadêmica no movimento psicanalítico. Isso não ocorreu da mesma maneira em

outros campos do conhecimento, principalmente naqueles, como era o caso da psicanálise, formados principalmente por homens médicos. No entanto, no âmbito da psicanálise, as clínicas e os programas de treinamento não pareciam excluir mulheres, na verdade, a formalização do treinamento em psicanálise durante os anos de 1920 possibilitou para muitas a oportunidade de construírem carreiras, além de ocuparem um papel institucional significativo no movimento psicanalítico.

Considera-se a existência de algo no interior da própria natureza da psicanálise que teria atraído essas mulheres. Segundo Thompson (1987), de fato, a disciplina explora temas tradicionalmente associados ao universo feminino, como os temas da sexualidade e do desenvolvimento infantil, o que poderia justificar este interesse. No entanto, esse fator isolado, não contempla o motivo das mulheres pioneiras da psicanálise escolherem logo esta profissão como modo de investigação para estes tópicos, tampouco explica as contribuições teóricas destas autoras acerca de demais temas que extrapolam o campo do "interesse feminino". Parece haver, portanto, outros motivos que atraíam essas mulheres em um período que não era comum a presença feminina em profissões consideradas "masculinas", muito menos ocupando posições de grande influência em suas respectivas instituições, como fora o caso, por exemplo, de Melanie Klein, Anna Freud e Sylvia Payne.

A psicanálise foi, historicamente, um dos poucos campos que não discriminavam profissionalmente as mulheres, mantendo-se aberta à sua participação ao longo do tempo. Isso não significou, necessariamente, que a presença das mulheres nestas instituições fora feminista. No entanto, elas encontraram lá um espaço de influência que lhes era negado em outros locais, como aqueles em que seus papeis de cuidadoras ou mediadoras as colocavam em uma posição de subordinação em relação aos homens (Rose, 1983). Dessa forma, além do interesse feminino pela teoria psicanalítica, destaca-se o ambiente facilitador das instituições e a atitude favorável de Freud para com as mulheres da psicanálise como fatores que influenciaram a sua presença e destaque na história desta disciplina.

A história da psicanálise em Londres

A psicanálise na Inglaterra teve como seu mais conhecido precursor o neurologista Ernest Jones (1879-1958). Em 1903, Jones entra em contato com Estudos sobre a histeria (2016) de Sigmund Freud, o que o instiga a aprender o idioma alemão e a conhecer a obra freudiana. Ele inicia sua prática clínica em Londres em 1906, conhecendo Freud pessoalmente em 1908 no Congresso internacional de psicanálise de Salzburgo, tornando-se seu amigo próximo (Alexander, 1998).

Jones iniciou correspondência com Freud, Abraham e Jung e, ao retornar do congresso, mostrou-se determinado a estabelecer a psicanálise em Londres segundo os moldes estritamente freudianos. No entanto, não conseguiu levar adiante esse projeto naquele momento, em razão de seu envolvimento em dois escândalos,

em 1906 e 1908, quando foi acusado de abordar temas de natureza sexual[1] com pacientes menores de idade, o que provocou sua perseguição e exílio no Canadá (Hinshelwood, 1998).

Apesar do exílio de Jones, a psicanálise teve sua continuidade na Inglaterra. Em 1910, T.W. Mitchell forma a *Medical Section da Society of Psychical Research* (SPR), formada por médicos com interesse em assuntos relacionados ao ocultismo, espiritualismo e mediunidade, assim como psicanálise, devido às similaridades entre os estados de transe das histéricas e de médiuns espíritas. Em 1912, a *Medical Section* convidou Freud a escrever um artigo para a sociedade, o que ele o fez, em inglês, *A note on the unconscious in Psycho-Analysis* (1912), concordando em se tornar um membro correspondente. A SPR contava com alguns membros que também se envolveram nas futuras sociedades psicanalíticas, como J.C. Flugel, T.W. Mitchell, James Strachey, Maurice Wright e Joan Riviere (Hinshelwood, 1998).

A *London Psycho-Analytical Society* surge em 1913 com o retorno de Jones a Londres como a primeira sociedade dedicada à psicanálise na Inglaterra. Sua inauguração conta com nove membros: Ernest Jones (Presidente), Douglas Bryan (Vice-Presidente), David Eder, sua esposa, Edith, sua irmã, Barbara Low, David Forsyth, Bernard Hart e provavelmente W. Stoddart e Eric Hiller (Hinshelwood, 1998).

Nos anos seguintes, Jones decidiu transformar a sociedade, afastando-se das terapias sugestivas da França e outras que se distanciavam do modelo estritamente freudiano, como era o caso da terapia junguiana. Dessa forma, a *London Psycho-Analytical Society* é dissolvida, fundando a *British Psychoanalytic Society* (BPS). Nove membros compareceram à reunião inaugural da BPS em 20 de fevereiro de 1919 e este número cresceu até o final do ano, compondo 30 membros, incluindo 6 remanescentes da London Society. Enquanto Constance Long se manteve como a única mulher da London Society, a A BPS contava, em seu início, com 5 mulheres (17% dos membros) e em 1930 com 23 (40% dos membros) (Robinson, 2011).

Para compor a BPS em sua fundação, Jones elegeu alguns analistas freudianos. Nove analistas foram listados: Douglas Bryan, Dr. Devine, J.C. Flugel, D. Forsyth, Eric Hiller, Barbara Low, Stanford Read, e W.H.B. A sociedade cresceu rapidamente e, nos anos seguintes, membros como Joan Riviere, James e Edward Glover, Susan Isaacs, John Rickman, Sylvia Payne, James e Alix Strachey, Ella Sharpe e David Eder (que estava afastado devido à um período de análise com Ferenczi) se filiaram (Kohon, 2018).

O período de 1919 a 1933 foi marcado por certa estabilidade da psicanálise em Londres. Durante este intervalo, Jones reconheceu a importância de tornar a psicanálise acessível ao público e, dentre as inovações propostas, a tradução dos

[1] Cabe destacar que, no contexto da prática psicanalítica, a abordagem de conteúdos de natureza sexual não era incomum, dada sua centralidade teórica na compreensão dos sintomas. Ainda assim, à época, tais discussões eram amplamente consideradas inadequadas (principalmente quando envolviam pacientes jovens), o que contribuiu para a repercussão negativa do caso.

textos psicanalíticos para o inglês fora uma delas. O próprio Jones foi responsável pela tradução de Ferenczi, assim como outros tradutores como Douglas Bryan, Edward Glover, Joan Riviere e os Stracheys o auxiliaram nas traduções de Freud, Ferenczi e Abraham (Robinson, 2011).

Os esforços de Jones, assim como de James e Edward Glover, fizeram com que a psicanálise fosse reconhecida e respeitada pela British Medical Association em 1929, passando a ser tratada como qualquer outra especialização da medicina. Em 1920, Jones cria o *International Journal of Psycho-Analysis* e em 1924 o *Institute of Psycho-Analysis*, com a ajuda de John Rickman. Além disso, foi criada a clínica da BPS, juntamente com o treinamento formal para analistas em 1926, seguindo os modelos de Berlim, com a oferta de tratamento às camadas menos favorecidas da sociedade (Robinson, 2011; King & Steiner, 1991).

Quatro grupos principais formavam a BPS em seu período inicial: o grupo de médicos (Jones, Stoddart, Hart, Forsyth e Low); os grupos de Cambridge: incluindo os *The literary Bloomsburys* (os Strachey, Stephens, Rickman e Joan Riviere) e a *Society for Psychical Research* (Riviere, Flugel e Mitchell); a Medico-Psychological Clinic of London (Sharpe, Isaacs, Payne e Chadwick); e, por último, a psiquiatria militar, formada por psiquiatras que atuaram com os soldados na guerra (Hinshelwood, 1998).

A *Medico-Psychological Clinic*, fundada em 1913 por Jessie Murray e Julia Turner impactou significativamente o desenvolvimento da psicanálise inglesa, combinando a prática clínica com o treinamento de novos analistas. Em função da vinculação de Murray e Turner a movimentos feministas, a clínica atraiu um número expressivo de mulheres interessadas em ingressar em profissões que lhes oferecessem acolhimento e formação. Nesse contexto, muitas delas passaram a integrar tanto a clínica quanto a BPS, em busca de educação formal, treinamento profissional e oportunidades de ascensão social por meio do próprio trabalho (Alexander, 1998).

Além disso, mulheres que trabalharam em instituições hospitalares durante a Primeira Guerra Mundial iniciaram suas trajetórias em psicanálise através da *Medico-Psychological Clinic*. Mary Chadwick, Ella Freeman Sharpe, Nina Searle, Susan Isaacs, Iseult Grant-Duff, Marjorie Brierley e Sylvia Payne foram estudantes e profissionais da clínica antes de se filiarem à BPS (Alexander, 1998).

A chegada de Melanie Klein e dos Freud em Londres e as controvérsias em torno da feminilidade

Assim como E. Jones, Melanie Klein (1882–1960), psicanalista austríaca autodidata, tornou-se uma das figuras centrais da BPS. Antes de seu envolvimento com a psicanálise, era dona de casa e mãe de três filhos, vivendo entre episódios depressivos e um persistente sentimento de insatisfação com a própria vida. Foi nesse contexto de sofrimento psíquico que a psicanálise lhe ofereceu um espaço de

reinvenção pessoal e intelectual (Cintra & Figueiredo, 2010).

Klein iniciou seu trabalho com crianças após um período de análise com Sándor Ferenczi, na Hungria, quando se filiou à Sociedade Psicanalítica de Budapeste. Em 1921, mudou-se para Berlim, onde enfrentou resistência no meio psicanalítico, tendo como principal apoiador seu analista, Karl Abraham (Cintra & Figueiredo, 2010).

Desde aquele período, Klein divergia da teoria clássica freudiana. Ela considerava a brincadeira infantil equivalente à livre associação dos adultos e não temia as interpretações de transferências negativas e de impulsos agressivos de seus pacientes, fato que não era comum na prática com crianças da época. Além disso, Klein era uma mulher sem formação acadêmica formal e com ideias inovadoras em uma sociedade formada, em sua maioria, por homens médicos. Essas condições parecem ter dificultado a recepção de suas ideias em Berlim (King, 1983).

De acordo com Klipan (2015):

> Podemos pensar que Klein vivia um conflito da ruptura de duas gerações, tinha um pé no terreno das mulheres vitorianas, mas já se colocava no solo do modelo feminino que revolucionaria o mundo no século XX. No entanto, a posição feminina da mulher do final do século XIX e começo do século XX ainda se constituía pela e para a maternidade e o matrimônio. A sociedade lhe impunha uma condição: a maternidade, mas Klein ansiava por ser reconhecida intelectualmente (p. 78).

Em Berlim, M. Klein entrou em contato com alguns analistas ingleses que se encontravam na cidade em processo analítico. Edward Glover e Alix Strachey se analisavam com Abraham, enquanto Sylvia Payne, Ella Sharpe e Barbara Low se analisavam com Hans Sachs. De volta a Londres, em 1924, Alix Strachey apresentou à BPS um artigo de Klein sobre a técnica da análise infantil. Relatos destas discussões provavelmente alcançaram Klein e em 1925 ela escreve à Jones oferecendo um curso de seis palestras sobre análise de crianças em Londres, que acontece em julho do mesmo ano, sendo muito bem recebida pela sociedade (Alexander, 1998).

Com o falecimento de K. Abraham em 1925, seu principal aliado e defensor em Berlim, Klein enfrentou um enfraquecimento ainda maior de sua posição naquele contexto. A recepção desfavorável de sua teoria, principalmente em comparação à crescente aceitação das concepções de Anna Freud sobre a análise infantil, evidenciou ainda mais suas dificuldades em se estabelecer na Alemanha. Após sua recepção calorosa na BPS, Klein decide se mudar para Londres (King, 1983). De acordo com Jones em carta à S. Freud em 1927, provavelmente o interesse da sociedade de Londres pela análise infantil e, consequentemente, por Klein, poderia ser atribuído ao número expressivo de mulheres analistas presentes na sociedade. De fato, analistas como Joan Riviere, Nina Searl, Mary Chadwick, Sylvia Payne, Ella Sharpe, e Gwen Lewis desenvolveram artigos sobre o tema no mesmo período, preparando o terreno para a recepção positiva das ideias kleinianas (Robinson, 2011).

Ao longo deste período, os membros da sociedade de Londres ainda não se

deram conta de que as descobertas kleinianas sobre as fantasias precoces de crianças os colocariam em conflito com S. Freud. A exploração do período pré-genital parecia um caminho lógico a se seguir tomando como ponto inicial o pensamento freudiano. Os próprios analistas próximos de S. Freud, como Joan Riviere e Ernest Jones, pareciam não ver problema algum nas ideias propostas por ela. A sociedade como um todo considerava que Klein poderia dar continuidade ao interesse da BPS pela infância e pelo período pré-genital (Alexander, 1998; Robinson, 2011).

As concepções kleinianas sobre a emergência precoce do ego e do superego, assim como a datação do Complexo de Édipo no final do primeiro ano de vida, mostraram-se divergentes da teoria freudiana, embora Klein insistisse que sua proposta representava a continuação da psicanálise de Sigmund Freud. De todo modo, as diferenças entre Klein e os Freud tornaram-se progressivamente mais evidentes.

A partir de 1927, se tornam claras as divergências teóricas entre os membros das sociedades inglesa e vienense. Com a publicação de Anna Freud em 1927 de *O tratamento psicanalítico de crianças*, a disputa se iniciou. Como resposta, Klein publica no mesmo ano o *Simpósio sobre a análise de crianças*, defendendo seu ponto de vista diante das acusações de A. Freud. Estes artigos provocam uma verdadeira polarização entre Londres e Viena (Kohon, 2018).

No campo da técnica, Klein defendia que a análise infantil não deveria assumir um caráter educativo ou normativo, pois isto não poderia ser considerado uma análise verdadeira (Klein, 1932). Anna Freud, por sua vez, cuja formação incluía uma forte influência pedagógica, reconhecia o caráter inovador do brincar introduzido por Klein, mas discordava de sua equivalência com a associação livre do adulto (Freud, A., 1927). Além disso, criticava a tendência kleiniana de atribuir significados simbólicos complexos a manifestações lúdicas aparentemente simples e questionava a possibilidade de estabelecimento de uma transferência plena na criança, especialmente em função de sua dependência ainda intensa em relação aos pais (Freud, A., 1927; Shapira, 2017).

Partindo da ideia de que o superego infantil ainda não estaria plenamente constituído, Anna Freud sustentava que o analista deveria, em certos momentos, exercer também uma função pedagógica de apoio e orientação ao ego da criança, limitando a livre expressão de seus impulsos primitivos (Freud, A., 1927). Klein, por outro lado, rejeitava essa perspectiva, defendendo a existência de um superego precoce, rígido e severo, e afirmando que a análise deveria se concentrar na interpretação das fantasias inconscientes primitivas, tal como ocorre na clínica com adultos (Klein, 1932). Nesse sentido, atribuía o brincar como uma via privilegiada de acesso ao inconsciente, devendo ser analisado em profundidade, assim como o fenômeno da transferência, considerado plenamente operante desde o início da vida.

Por fim, Anna Freud relacionava o sofrimento infantil às condições ambientais e às falhas no atendimento das necessidades da criança, enfatizando o papel do

meio no desenvolvimento psíquico (Freud, A., 1927). Klein, embora não negasse a influência do ambiente, atribuía maior peso à dinâmica interna, especialmente à atuação da pulsão de morte, à constituição precoce do superego e à intensidade das relações com os objetos internos bons e maus na determinação do sofrimento psíquico (Klein, 1932).

As décadas de 20 e 30, foram marcadas por divergências teóricas. Jones (1935) resume as diferenças entre Klein e A. Freud em alguns tópicos: o desenvolvimento inicial da sexualidade, principalmente a sexualidade feminina, a datação e a gênese do Superego e sua relação com o Complexo de Édipo, o conceito de pulsão de morte e a técnica de análise infantil (Robinson, 2011).

No que diz respeito à feminilidade e à sexualidade feminina, Sigmund Freud elaborou sua teoria a partir do modelo do Complexo de Édipo masculino e de uma concepção de diferença sexual pautada na anatomia. Para o autor, o desenvolvimento psicossexual da menina seria marcado pela mudança de seu objeto de amor, inicialmente dirigido à mãe, para o pai, a partir do reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos. Ao perceber a ausência do pênis em si mesma, em contraste com sua presença no menino, a menina pequena interpretaria essa diferença como uma perda ou desvantagem, o que daria origem ao sentimento de inveja do pênis, considerado por Freud um elemento central na constituição da feminilidade (Freud, 1931).

Nesse percurso, a constituição da feminilidade implica uma série de transformações psíquicas que se iniciam na fase fálica, com a descoberta da diferença sexual, e se desdobram no interior do Complexo de Édipo, quando a menina realiza a mudança de objeto de amor e de posição libidinal. Tais transformações envolvem, de modo articulado, a substituição do clitóris (inicialmente concebido como equivalente ao pênis pela menina) pela vagina como principal zona erógena, a mudança do objeto amoroso da mãe para o pai e a passagem de uma posição considerada masculina para uma posição feminina, ainda na infância (Freud, 1933).

Freud descreve esse processo como marcado por renúncias e frustrações, sendo a constituição da feminilidade atravessada por conflitos e perdas. Nesse contexto, o autor sustenta que a superação dessas ambivalências encontraria uma via de elaboração na maternidade, entendida como forma de compensação da ausência do pênis na mulher, especialmente por meio do nascimento de um filho homem, que poderia funcionar como seu substituto simbólico (Freud, 1933).

Em correspondência com Ernest Jones, em 1928, Freud reconhece as limitações de sua própria teoria ao afirmar que o conhecimento disponível sobre o desenvolvimento sexual feminino era insatisfatório e incerto, referindo-se à mulher como um "continente obscuro" (Gay, 1988). Tal reconhecimento evidencia as tensões internas de sua formulação teórica que, embora inaugure um campo de investigação, também tende, em determinados momentos, a situar a feminilidade em torno da falta, da frustração e da maternidade como principal via de realização

para a mulher. No entanto, a própria elaboração de Freud sobre a feminilidade não permaneceu estática ao longo de sua obra, tendo sido objeto de revisões e reformulações, o que indica um pensamento em movimento, atravessado por impasses e reavaliações contínuas.

Em contraste com as formulações freudianas, Melanie Klein (1928) propôs uma teoria do desenvolvimento psíquico que se inicia precocemente, nas primeiras semanas e meses de vida, situando os conflitos edípicos em um momento anterior ao Complexo de Édipo descrito por Freud. Nesse modelo, a relação primária com a mãe, especialmente com o seio materno, ocupa lugar central na constituição do psiquismo e, consequentemente, da feminilidade.

Na teoria kleiniana, o foco recai sobre as relações de objeto estabelecidas desde os primeiros meses de vida, marcadas pela atuação precoce das pulsões, em especial a pulsão de morte, que se manifesta nas primeiras experiências de frustração do bebê, como o desmame e o treinamento de higiene. A partir dessas vivências, o bebê passa a atribuir significados às experiências de prazer e desprazer, organizando seu mundo interno em torno das figuras parentais, sobretudo da mãe (Klein, 1928).

Diferentemente de Freud, Klein não concebe o Complexo de Édipo como estruturado exclusivamente em torno da castração ou da presença e ausência do pênis, ainda que esses elementos não estejam ausentes. A trama edipiana precoce se organiza em um cenário predominantemente feminino, no qual o corpo da mãe constitui o principal palco das fantasias inconscientes. Esse corpo é imaginado como um espaço interno que contém objetos valiosos, como o leite, outros bebês, fezes e até mesmo o pênis do pai, inicialmente fantasiado como presente em seu interior. Tal configuração mobiliza sentimentos intensos e ambivalentes, dirigidos a esse corpo materno (Klein, 1932).

Nesse contexto, Klein (1932) destaca a centralidade do seio materno como primeiro objeto, simultaneamente fonte de nutrição, prazer e amor, mas também de frustração e angústia. A percepção de sua indisponibilidade a todo momento dá origem à inveja e a fantasias de retenção, nas quais o seio é concebido como pouco generoso. A partir dessa experiência, Klein propõe que a inveja do pênis descrita por Freud constitui um desenvolvimento secundário, derivado de uma inveja mais primitiva, dirigida ao seio e corpo materno e à sua capacidade de gerar, nutrir e conter dentro de si objetos de valor.

Dessa forma, o pênis perde sua centralidade como organizador da vida psíquica, passando a figurar como um entre vários objetos investidos no mundo interno da criança. A feminilidade, nesse modelo, não se estrutura primordialmente em torno da falta em relação ao masculino, mas a partir da relação ambivalente com o corpo da mãe, no qual se concentram sentimentos de amor, ódio, inveja, culpa e desejo de reparação (Klipan, 2015).

Por fim, Klein (1928) sustenta que o Complexo de Édipo tem início já no

primeiro ano de vida e, em seus momentos iniciais, apresenta um curso semelhante para meninos e meninas. Ainda que a menina possa se afastar da mãe em função de frustrações, esse movimento não se organiza prioritariamente em torno da inveja do pênis como atributo de masculinidade. Em vez disso, o pênis é investido como um dos objetos de interesse, e os impulsos edípicos são compreendidos como expressão direta dos componentes pulsionais da criança, e não como derivados secundários de uma posição masculina.

Dessa maneira, enquanto S. Freud considerava a feminilidade principalmente a partir da via da castração e da falta fálica, Klein a compreendia como um processo primitivo, que se desenvolvia a partir das experiências emocionais e relacionais iniciais com a figura da mãe e o interior de seu corpo. Essa diferença fundamental entre os autores reflete maneiras distintas de compreender não apenas a feminilidade, mas o próprio funcionamento inconsciente primitivo e as dinâmicas das primeiras relações objetais.

Ernest Jones, ao ser reeleito presidente da IPA em 1934, buscou conciliar estas divergências organizando, entre 1935 e 1937, quatro conferências, chamadas de *Exchange Lectures*, entre Londres e Viena, abordando as principais diferenças entre as sociedades, com o objetivo de elucidá-las. Na primeira conferência, Jones apresenta *O desenvolvimento inicial da sexualidade feminina* (1935)[2], discordando da visão falocêntrica da sexualidade feminina freudiana e da subestimação do papel da mãe no desenvolvimento infantil (King & Steiner, 1991).

Segundo o autor:

> Há alguns anos, tornou-se evidente que muitos analistas em Londres não concordam com seus colegas em Viena sobre vários tópicos importantes: entre eles, posso citar o desenvolvimento precoce da sexualidade, especialmente na mulher [...] O fato é que, novos trabalhos e ideias de Londres ainda não foram, em nossa opinião, consideradas de maneira adequada em Viena [...] Existe mais feminilidade na menina pequena do que os analistas geralmente admitem e a fase masculina em que passa a menina é mais complexa em sua motivação do que comumente se pensa (Jones, 1935, p.263-264, tradução nossa).

Ao contrário de S. Freud, que apostava no argumento da bissexualidade e afirmava que a menina pequena durante a fase fálica se comportaria da mesma forma que um menino, Jones (1935), assim como Klein, acreditava que a menina, desde o princípio, seria mais feminina do que masculina e mais preocupada com o interior do seu corpo do que com o mundo externo.

O autor afirma neste artigo que a questão teórica dos órgãos genitais (clitóris e pênis) se tornou o ponto de maior divergência teórica entre Londres e Viena. Segundo ele, o grupo vienense afirmava que a menina se afastava da mãe porque ela não lhe concebera com o genital desejado: o pênis. Já o grupo de Londres

[2] No original: *Early Female Sexuality* (1935)

sugeria que, para além disso, a menina desejaria o pênis como uma forma de expressão de seus impulsos agressivos pela mãe, que não a deixava incorporar todos os objetos de valor presentes em seu corpo (Jones, 1935).

Outra diferença entre os grupos baseava-se na interpretação do Complexo de Édipo da menina. Segundo a perspectiva vienense, a menina se voltaria para o pai como consequência de sua frustração com seu órgão genital. Logo, o complexo de castração a levaria a adentar o Édipo. O grupo de Londres afirmava que a fase fálica de identificação com o pai e o desejo pelo pênis seriam defesas diante do Édipo primitivo já existente e atuante. O pênis visível a forneceria segurança diante de ansiedades associadas à integridade do interior de seu corpo, segundo o autor, região inacessível à observação direta para a menina. Logo, após as frustrações iniciais de desmame e desfralde acompanhadas de sensações corporais, o corpo torna-se fonte de angústias que apontam para uma possível destruição interna. Logo, a valorização do pênis seria menos uma negação da feminilidade associada ao desejo pela masculinidade e mais uma tentativa inconsciente de lidar com as angústias associadas às fantasias de destruição interna da menina. Além disso, a inveja do homem não deveria disfarçar que, ao mesmo tempo, meninas pequenas também possuiriam atributos femininos e seriam, de fato, verdadeiramente femininas (Jones, 1935).

Dessa forma, Jones não considerava a menina pequena um *homme manqué*[3], uma criatura descontente e frustrada, que busca se consolar com substitutos secundários e alheios à sua natureza. O desejo de dar à luz a um bebê não seria, como proposto por Freud, uma forma de compensação pela falta do falo, mas sim, um desejo feminino básico desenvolvido a partir da relação feminina da menina com sua mãe (Chasseguet-Smirgel, 1970; Jones, 1935).

pós a resposta de Viena, elaborada por Robert Waelder, Joan Riviere apresenta: *Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância* (1936b). Nesta conferência, Riviere apresenta alguns conceitos kleinianos sobre o desenvolvimento psíquico inicial da criança, seus impulsos sádico-orais e suas ansiedades arcaicas. Ela também descreve os principais mecanismos de defesa empregados pelo Ego, como a projeção e a introjeção (Bower 2019).

O fortalecimento do nazismo na Europa interrompe estas trocas e, com o avançar da Segunda Guerra Mundial, Jones e Marie Bonaparte organizaram a fuga de 38 analistas de Viena, dentre eles S. Freud e sua filha, A. Freud, o que acarreta na dissolução da sociedade vienense. Em Londres, Edward Glover e Melitta Schmideberg se aliavam contra Melanie Klein enquanto os demais analistas freudianos da sociedade esperavam que a chegada dos Freud e dos demais analistas de Viena atenuasse o cenário conflituoso da BPS (Robinson, 2011).

Mellita Schmideberg, filha de Klein, permaneceu em Berlim para concluir os seus estudos em medicina quando Klein se mudou para Londres, tornando-se mem-

[3] Expressão francesa que pode ser traduzida como ”homem em falta”ou ”homem ausente”.

bro da sociedade de psicanálise de Berlim. Ela se casa com Walter Schmideberg e o casal se muda para Londres apenas em 1930. Com o passar do tempo, Mellita passa a divergir da teoria de sua mãe, se tornando uma de suas principais rivais na BPS, juntamente com Edward Glover (King, 1983).

Klein contava com um pequeno grupo de devotos, como Susan Isaacs, Joan Riviere, Ernest Jones, Paula Heimann e Eva Rosenfeld (Robinson, 2011). Jones, por sua vez, se encontrava em uma posição difícil com a chegada dos analistas estrangeiros. Ele era presidente da BPS e da *International Psychoanalyticial Association* (IPA), assim como amigo pessoal de M. Klein e dos Freud. Como resultado desse impasse, Jones, ao mesmo tempo em que abria as portas da BPS para os analistas refugiados, também afastava, se necessário, aqueles que causavam problemas para a sociedade. Durante este período, 17 vienenses se mudaram para a sociedade e, em 1944, apenas 4 permaneceram: Dorothy Burlingham, Anna Freud, Hedwig e Wilhelm Hoffer e Erwin Stengel (Robinson, 2011).

Com o avanço da guerra, muitos analistas serviram como médicos em serviços de emergência enquanto outros, como Klein e Joan Riviere, se mudavam de Londres para se protegerem dos bombardeios, fragmentando a sociedade original ao mesmo tempo em que novos analistas estrangeiros mudavam-se para a Inglaterra. Os Freud chegaram em Londres em 1938, o que evidenciou ainda mais as diferenças entre os grupos da BPS (Robinson, 2011; King, 1989).

Klein retorna à Londres em outubro de 1941, com apenas quatro associados principais: Susan Isaacs, Joan Riviere, D. W. Winnicott e John Rickman, fazendo com que a atmosfera se tornasse ainda mais tensa entre os analistas da BPS. Os objetivos principais entre os analistas eram: determinar qual teoria iria prevalecer sobre a sociedade, como isso seria colocado em prática e como se configurariam as questões burocráticas e os principais cargos da BPS (King, 1983).

As controvérsias Freud-Klein

As controvérsias no interior da *British Psychoanalytical Society* podem ser compreendidas como um reflexo do contexto histórico vivido pela sociedade inglesa. Nesse cenário, delineava-se também, uma espécie de "guerra" simbólica em torno do futuro da psicanálise após a morte de Freud, em setembro de 1939. De um lado, encontrava-se sua filha biológica; de outro, aquela que se apresentava como possível herdeira intelectual de sua obra (Shapira, 2017). A Segunda Guerra Mundial que acontecia simultaneamente à essas disputas cria o cenário destes debates, assim como influencia a própria tonalidade das discussões, se tratando de discussões calorosas com termos contemporâneos à guerra.

> Quais seriam os princípios fundamentais e os padrões científicos da psicanálise? Mulheres leigas também poderiam desenvolver esta disciplina? Analistas poderiam se aventurar em direções que Freud não havia se antecipado? [...] As relações interpessoais desempenharam um papel profundo nas discussões em torno dessas ques-

> tões. As Controvérsias Freud-Klein também tratavam da natureza administrativa e pública da BPS. Muitos membros da sociedade acreditavam que Jones (já semiaposentado) e Glover (que estava substituindo-o efetivamente) que representavam os homens médicos da sociedade, possuíam demasiado poder de liderança (Shapira 2017, p. 179, tradução nossa).

Com o retorno dos analistas à Londres, algumas reuniões acerca do futuro da BPS foram realizadas. Após estas reuniões, Marjory Bierly propõe algumas propostas de resolução: 1) A implementação de um comitê de investigação sobre o prolongamento de posições oficiais ocupadas na sociedade; 2) A organização de uma série de discussões contemplando as diferenças teóricas entre os analistas; 3) A necessidade de reformulações no comitê de treinamento considerando os efeitos dessas discussões (King, 1983).

Quanto à primeira proposta, Jones e Glover resignaram em 1944 e Sylvia Payne foi eleita presidente da BPS, havendo também mudanças de algumas posições oficiais que haviam se mantido por muito tempo. Quanto à segunda proposta, 11 reuniões foram organizadas com o objetivo de discutir as divergências teóricas da sociedade, as chamadas *Controvérsias Freud-Klein*. Essas reuniões foram organizadas e monitoradas por um comitê composto por Edward Glover, Marjorie Brierley e James Strachey (King & Steiner, 1991).

As *Controvérsias Freud-Klein* consistiram em uma série de palestras organizadas entre outubro de 1942 e fevereiro de 1944 com o objetivo de esclarecer os impasses teóricos entre Anna Freud (escola vienense), Melanie Klein (escola inglesa). As duas mulheres juntamente com seus respectivos grupos de mulheres devotas estavam no controle da situação, já que muitos dos homens médicos estavam ausentes, servindo durante a Guerra (Alexander, 1998).

As *Controvérsias* evidenciam a constituição de dois principais posicionamentos teóricos. De um lado, o grupo kleiniano, liderado por Melanie Klein, contava com a atuação de Susan Isaacs, Joan Riviere, Paula Heimann, Donald Winnicott, John Rickman e Clifford Scott, ainda que alguns desses autores tenham posteriormente assumido posições mais independentes. Em oposição, o grupo de Anna Freud reunia nomes como Dorothy Burlingham, Kate Friedlander, Willi Hoffer, Hedwig Hoffer, Barbara Lantos, Barbara Low, Edward Glover, Melitta Schmideberg e Walter Schmideberg, articulados em torno da defesa da ortodoxia freudiana e de uma maior cautela frente às inovações teóricas (King & Steiner, 1991).

Entre essas duas posições, delineou-se um terceiro grupo, posteriormente conhecido como grupo dos Independentes, formado por analistas como Marjorie Brierley, James Strachey, Sylvia Payne, John Bowlby, Michael Balint, William Gillespie, Ella Sharpe, Adrian Stephen, Karin Stephen e Ernest Jones, cuja posição, embora inicialmente próxima a Klein, caracterizou-se principalmente por esforços de mediação. Esse grupo desempenhou papel significativo na tentativa de evitar a fragmentação institucional, contribuindo para a formulação de soluções conciliató-

rias (King & Steiner, 1991).

Entre 1941 e 1944, as discussões ocorreram por meio de reuniões formais, artigos, correspondências privadas e contatos telefônicos. Nesse contexto, King e Steiner (1991) evidenciam que as controvérsias não podem ser compreendidas apenas como debates conceituais, mas como eventos institucionais nos quais rivalidades pessoais, disputas por autoridade e diferentes concepções de formação psicanalítica estavam implicadas.

Ao longo das reuniões, o número de analistas que participaram das primeiras reuniões foi diminuindo, como se eles houvessem percebido que as discussões não obtiveram o resultado que esperavam. Na verdade, muitos consideravam que a sociedade ficara ainda mais polarizadas após as reuniões. Ao mesmo tempo, o comitê de treinamento estava considerando a terceira proposta, referente aos efeitos das discussões no treinamento de candidatos. James Strachey decide seguir as recomendações de S. Freud de tratar a psicanálise como uma ciência empírica, um sistema aberto com espaço para crescimento e desenvolvimento (King, 1983).

> A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias (Freud, 1922/1923, p. 164).

Quando a sociedade chegava perto de uma cisão, dois grupos de treinamento paralelos foram criados, o grupo "A" e o grupo "B", com o intuito de conciliar as divergências. O segundo grupo contava com os aliados de A. Freud e o primeiro contemplava os defensores M. Klein, assim como aqueles que não se identificavam com nenhuma das duas teorias. Na década de 1950, surgiu um terceiro grupo, o grupo Independente (ou *The Middle Party*) levando ainda cerca de três décadas para que este grupo adquirisse um status formal. Os independentes, assim como os demais grupos, se ocupavam com as relações de objeto, no entanto, eles enfatizavam o papel do ambiente e das relações primárias na construção da personalidade (King & Steiner, 1991).

Estes três grupos formam a base do *Gentlemen's Agreement*, ou então, como deveria ter sido chamado, segundo King (1983), o *Lady's Agreement*, assinado por Melanie Klein, Anna Freud e Sylvia Payne, acordando que deveriam haver representantes dos três grupos nos principais comitês da sociedade (o Conselho, o Comitê de Treinamento e demais órgãos) e na IPA, com o objetivo de evitar a concentração excessiva de poder por parte de qualquer um deles (Robinson, 2011; Kohon, 2018).

Segundo Shapira (2017), o partidarismo e as alianças pessoais influenciaram o julgamento científico entre os presentes nas controvérsias da BPS. Em alguns

momentos, as discussões acaloradas assumiam um recorte de gênero, de forma que a razão e a objetividade parecia ser o monopólio da ciência "masculina", enquanto as manipulações e as distorções dos fatos (acusações de Glover contra o grupo kleiniano) seriam consideradas atitudes "femininas". Em carta direcionada à Sylvia Payne em 16 de março de 1942, Klein afirmou que Glover nutria uma forte inveja de mulheres intelectuais e bem sucedidas (Grosskurth, 1986, p. 295).

As controvérsias evidenciam a expressiva presença feminina no interior da psicanálise inglesa, cuja atuação foi central tanto na produção teórica quanto na dinâmica da instituição. Nesse sentido, as controvérsias configuram-se não apenas como um momento decisivo de inflexão na teoria psicanalítica, mas também como um espaço de afirmação da presença feminina no campo científico, no qual se entrelaçam disputas epistemológicas, institucionais e de gênero.

As principais contribuições do grupo kleiniano nas controvérsias incluem o artigo de Susan Isaacs, *A natureza e a função da fantasia*[4], e o trabalho de Paula Heimann, *Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância*[5]. Estes artigos, juntamente com outros seis, incluindo três de Klein e Joan Riviere apresentados em Viena em 1936, formam o livro Os *Progressos da Psicanálise*[6], editado por Riviere e publicado em 1952 (Heimann et al., 1952).

Considerações finais

A análise da questão da feminilidade na Inglaterra, ao longo dos séculos XIX e XX, revela como os contextos histórico e social influenciaram os modos de pensar e representar o lugar da mulher na sociedade e na teoria psicanalítica. A transição das mulheres do espaço privado para o público (marcada por eventos como as guerras mundiais, o avanço da industrialização e a emergência dos movimentos feministas) contribuíram para o questionamento de papéis tradicionais de gênero, para a presença de mulheres nas instituições de psicanálise e para as reflexões lá estabelecidas acerca dos temas da feminilidade e da sexualidade feminina.

Passou-se a questionar os limites das teorias até então consolidadas, especialmente aquelas derivadas da experiência masculina, como a proposta inicial de Sigmund Freud (posteriormente desenvolvida por sua filha, Anna Freud), que compreendia a feminilidade a partir da lógica da castração e do complexo de Édipo masculino. De acordo com teóricos da escola inglesa, essa perspectiva limitava a experiência inicial da mulher à inveja e ausência. Esse modelo foi progressivamente reformulado à medida que analistas como Ernest Jones e Melanie Klein propuseram leituras alternativas. Na Inglaterra, tais disputas teóricas ganharam força no interior da B*ritish Psychoanalytical Society* (BPS), instituição que, desde sua fundação,

[4] No original: *The nature and function of phantasy* (1952).

[5] No original: *Certain functions of introjection and projection in early infancy* (1952).

[6] No original: D*evelopments in Psycho-Analysis* (1952).

se caracterizou tanto pela expressiva presença feminina quanto pela intensidade dos debates intelectuais protagonizados por essas mulheres.

As *Exchange Lectures* de 1935 e 1937, realizadas entre Londres e Viena, bem como as Controvérsias Freud-Klein, ocorridas entre 1941 e 1945 no interior da BPS, configuram momentos decisivos na história da psicanálise inglesa. Nessas discussões, ganharam destaque, sobretudo, as questões relativas à análise infantil e à feminilidade.

Melanie Klein, assim como outros analistas ingleses, ao propor um modelo de desenvolvimento feminino centrado na experiência precoce e na relação mãe-bebê, ofereceu alternativas importantes ao paradigma freudiano inicial. As divergências entre as abordagens não se limitavam à datação do Complexo de Édipo, mas envolviam a própria concepção de feminilidade: enquanto a escola vienense tendia a compreendê-la como derivada da experiência masculina e marcada pela falta, a escola inglesa a concebia como originária, atravessada por ambivalências e por fantasias inconscientes relacionadas ao interior do corpo materno e ao próprio corpo da criança.

Os debates estabelecidos nesse período foram fundamentais tanto para o avanço da teoria psicanalítica quanto para a formulação de concepções de feminilidade mais atentas às transformações sociais e históricas que ultrapassavam os limites institucionais.

Ressalta-se a atuação expressiva de outras mulheres no desenvolvimento da psicanálise inglesa. Psicanalistas como Joan Riviere, Susan Isaacs, Alix Strachey e Sylvia Payne não apenas contribuíram com teorias originais e complexas, mas também desafiaram uma tradição dominada por vozes masculinas, ocupando espaços de liderança institucional e intelectual. Suas contribuições foram essenciais para a consolidação de uma escola inglesa independente da tradição vienense e sensível às questões do feminino, das relações objetais e das experiências inconscientes primitivas.

De modo geral, este artigo buscou articular o contexto histórico do século XX à teoria psicanalítica e às transformações institucionais, a fim de compreender como o lugar da mulher e a noção de feminilidade foram construídos, debatidos e reformulados no âmbito da psicanálise inglesa. A partir das tensões entre tradição e inovação, entre a herança freudiana e a abertura a novos desenvolvimentos, a *British Psychoanalytical Society* configurou-se como um espaço institucional privilegiado para a elaboração das complexidades da subjetividade feminina.

Além disso, constituiu-se também como um importante espaço de inserção e desenvolvimento para mulheres como profissionais e intelectuais, em um contexto social marcado por transformações nos papéis de gênero e pela ampliação, ainda que desigual, das oportunidades de participação feminina na vida pública. Nesse cenário de transição de valores, a BPS não apenas permitiu a presença de mulheres, mas possibilitou que elas ocupassem posições de destaque, produzissem conheci-

mento e interviessem ativamente nos rumos teóricos e institucionais do campo.

Referências

Alexander, S. (1998). Psychoanalysis in Britain in the early twentieth century: An introductory note. History Workshop Journal, (45), 135–143. https://www.jstor.org/stable/4289553

Bower, M. (2019). The life and work of Joan Riviere: Freud, Klein and female sexuality. 1a ed. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge.

Brierley, M. (1949). Introduction. In Trends in psycho-analysis (pp. 13–22). London: Hogarth Press.

Casagrande, R. Z. (2018). O sufrágio e a primeira onda feminista [Trabalho acadêmico, Universidade de Coimbra].

Chasseguet-Smirgel, J. (Ed.). (1970). Female sexuality: New psychoanalytic views. Hogarth Press.

Cintra, E. M. U. & Figueiredo, Luís C. (2010). Melanie Klein: Estilo e pensamento. São Paulo, SP: Escuta.

Freud, A. (1927). Introduction to the technique of child analysis. International Universities Press. Freud, S. (2016). Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893–1895) (L. Barreto, Trans.; P. C. de Souza, Rev.). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1895)

Freud, S. (2016). Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora"). In Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901–1905) (P. C. de Souza, Trans., pp. 173–321). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1905)

Freud, S. (1925). Note on the unconscious in psycho-analysis (1912). Proceedings of the Society for Psychical Research, 26(66), 312–318. (Originalmente publicado em 1912)

Freud, S. (1909-1910). Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (P. C. de Souza, Trans.). Companhia das Letras, 2013.

Freud, S. (1922/1923). Dois verbetes de enciclopédia. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1933). A feminilidade. In Amor, sexualidade, feminilidade (M. R. S.

Moraes, Trans.). Autêutica Editora, 2018.

Gay, P. (1988). Freud: a life for our time. New York: Norton & Company.

Gouges, O. (2021). Declaração dos direitos da mulher e da cidadã e outros textos (C. Brayner, Trad.; Obra original publicada em 1791). Edições Câmara.

Grosskurth, P. (1986). Melanie Klein: Her world and her work. Harvard University Press.

Haundenschild, T. (2017). Joan Riviere. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 50(92), p. 251-264.

Heimann, P., Isaacs, S., Klein, M., & Riviere, J. (Eds.) (1952). Developments in psychoanalysis (1st ed.). Tavistock Publications.

Hinshelwood, R. D. (1998). The organizing of psychoanalysis in Britain. Psychoanalysis and History, 1(1), 87–102. https://doi.org/10.3366/pah.1999.1.1.87

Iannini, G., & Tavares, P. H. (2018). Sobre amor, sexualidade, feminilidade. In S. Freud, Amor, sexualidade, feminilidade (M. R. S. Moraes, Trans.). Autêutica Editora.

Jones, E. (1935). The early female sexuality. International Journal of Psycho-Analysis, 16, 1–12. Kehl, M. R. (2016). Deslocamentos do feminino (1a ed.). Boitempo.

King, P. H. M. (1983). The life and work of Melanie Klein in the British Psycho-Analytical Society. The International Journal of Psycho-Analysis, 64, 251–259.

King, P., & Steiner, R. (Eds.). (1991). The Freud-Klein controversies 1941-45. Routledge.

Klein, M. (1927). Simpósio sobre análise de crianças. In M. Klein, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: Obras completas de M. Klein (Vol. 1). Imago.

Klein, M. (1928). Estágios iniciais do conflito edipiano. In M. Klein, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: Obras completas de M. Klein (Vol. 1). Imago.

Klein, M. (1932). The psychoanalysis of children. London: Hogarth Press.

Klipan, M. L. (2015). Noção de feminilidade em Melanie Klein: subjetivações para além de um registro fálico. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP)] São Paulo.

Kohon, G. (2018). Notes on the history of the psychoanalytic movement in Great

Britain. In G. Kohon (Ed.), British psychoanalysis: New perspectives in the independent tradition, Routledge, 25-50.

Mannoni, J. (1999). Elas não sabem o que dizem (A. P. de Souza, Trans.). Companhia das Letras.

Mitchell, J. (1974). Psychoanalysis and feminism: Freud, Reich, Laing, and women. Pantheon Books.

Riviere, J. (1991). On the genesis of psychical conflict in earliest infancy. In A. Hughes (Ed.), The inner world and Joan Riviere: Collected papers (pp. 272–301). Karnak Books. (Originalmente publicado em 1936)

Riviere, J. (1952) General introduction to Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, and Joan Riviere, Developments in Psycho-Analysis (1952). In: HUGHES, A. (org.). The inner world and Joan Riviere: Collected papers. London: Karnak Books, 1991. p. 302-331.

Robinson, K. (2011). A brief history of the British Psychoanalytical Society. In K. Robinson, 100 years of the IPA (1st ed.). Routledge.

Rocha, G. R., & Rocha, L. F. S. (2017). Uma história social do conceito de feminilidade na psicanálise de 1910 a 1930. Scientiae Studia, 15(1), 121–144. https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/133646

Rose, J. (1983). Femininity and its discontents. Feminist Review, (14), 31–46. 10.1057/palgrave.fr.9400225

Shapira, M. (2017). Interpersonal rivalries, gender and the intellectual and scientific making of psychoanalysis in 1940s Britain. History of Psychology, 20(2), 172–194. http://dx.doi.org/10.1037/hop0000056

Thompson, N. L. (1987). Early women psychoanalysts. International Review of Psycho-Analysis, 14, 391.

Wollstonecraft, M. (2016). Reivindicação dos direitos da mulher. Boitempo. (Obra original publicada em 1792).

Nota sobre a autora e o autor

Ester Franco de Souza é Psicóloga e Mestranda em História e Filosofia da Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: estersouzapsi@gmail.com

Richard Theisen Simanke é Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de

Juiz de Fora (UFJF). E-mail: richardsimanke@uol.com.br

Data de submissão: 09.07.2025
Data de aceite: 06.06.2026